

**O CONCEITO DE GRAMÁTICA
NA OBRA DE JAN VAN SPAUTER (C. 1480-1520)**

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)
leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

O humanista flamengo Jan van Spauter (c.1480–1520), mais conhecido por Despauterius, foi autor de um conjunto de obras gramaticais quincentistas, que descrevem a língua latina, publicado sob o título de *Commentarii grammatici*. Despauterius era um humanista do círculo intelectual de Erasmo de Roterdã, sua obra intelectual influenciou na corrente de pensamento do humanismo renascentista francês, tendo sido utilizada no Colégio de Guiena, à época da administração do humanista André de Gouveia, como registra o documento *Schola Aquitânica*. A recepção do pensamento linguístico de Despauterius em Portugal se deu à época de fundação do Real Colégio das Artes de Coimbra, 1548, mesmo contexto em que Anchieta estudara na instituição, antes do ingresso na *Societas Iesu*. Havia já, no século XVI, uma tradição de gramáticas humanísticas em Portugal nesse contexto, com obras como a de Estevão Cavaleiro e as de Clenardo. Despauterius também estaria em uso, até a publicação da gramática de Manuel Álvares, adotada pelos jesuítas na *Ratio Studiorum*. Debateremos o conceito de gramática humanística nessa época, através do modelo teórico-metodológico da Historiografia da Linguística de Pierre Swiggers.

Palavras-chave:

Gramaticografia renascentista. Historiografia da Linguística.
Humanismo renascentista.

ABSTRACT

The Flemish humanist Jan van Spauter (c.148–1520), better known as Despauterius, was the author of a set of 16th century grammatical works describing the Latin language, published under the title *Commentarii grammatici*. Despauterius was a humanist from the intellectual circle of Erasmus of Rotterdam, his intellectual work influenced the current of thought of French Renaissance humanism, having been used at the College of Guiena, at the time of the administration of the humanist André de Gouveia, as recorded in the *Schola Aquitânica* document. The reception of Despauterius' linguistic thought in Portugal took place at the time of the foundation of the Royal College of Arts of Coimbra, 1548, the same context in which Anchieta had studied at the institution, before joining *Societas Iesu*. There was already, in the 16th century, a tradition of humanistic grammars in Portugal in this context, with works such as those by Estevão Cavaleiro and those by Clenardo. Despauterius would also be in use, until the publication of the grammar of Manuel Álvares, adopted by the Jesuits in *Ratio Studiorum*. I will discuss the concept of humanistic grammar at that time, through the theoretical-methodological model of the Historiography of Linguistics by Pierre Swiggers.

Keywords:

Linguistics Historiography. Renaissance grammaticography. Renaissance Humanism.

1. *Introdução: Historiografia da Linguística e Gramaticografia renascentista*

Os estudos e pesquisas no campo da Historiografia da Linguística, conforme Swiggers (2013), podem ser divididos em linhas de pesquisa, sendo uma destas a História da Gramática, ou Gramaticografia (BATISTA, 2019). O presente artigo é um estudo na linha de pesquisa da Gramaticografia, mais especificamente, relacionado ao período renascentista, e ao modelo gramatical da gramática humanística. O fenômeno que investigamos, o pensamento linguístico (*linguistic thought*) da época renascentista, será abordado pelo conceito de gramática, apresentado na obra *Commentarii Grammatici* (Comentários gramaticais), compilado de obras do humanista flamengo Joannes Despauterius (c. 1480–1520), de 1537.

A obra do humanista Despauterius teve uma recepção nas instituições educacionais quinhentistas da França e em Portugal, graças ao humanista André de Gouveia. Despauterius foi sucedido por Manuel Álvares, no desenvolvimento do período jesuítico, porém, sua obra ainda era influente em Portugal, à época de estadia de S. José de Anchieta, SJ (1534–1597) no Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, até sua vinda ao Brasil em 1553, tema desenvolvido em estudos anteriores (KALTNER *et al.*, 2019; KALTNER, 2019a, KALTNER, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d, 2020e; KALTNER; SANTOS, 2020). Nesse sentido, a obra de Despauterius é uma das prováveis influências no período em que Anchieta estudara em Coimbra, tendo como preceptor e mestre o humanista Diogo de Teive, com quem desenvolveu sua competência linguística no uso do latim humanístico.

A gramática anchietana, a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), não apresenta uma definição do conceito gramática, havendo poucas definições na obra, nesse sentido, o conceito de gramática dos humanistas, apreendido do clima intelectual da época de Anchieta pode nos auxiliar a compreender a divisão de conteúdos da obra. A disciplina de gramática no contexto do humanismo renascentista português estava vinculada à *latinitas*, isto é, ao estudo de latinidades, nesse aspecto, a tradição gramatical desse período histórico era vinculada à descrição da língua latina e à gramatização (COLOMBAT *et al.*, 2017) das línguas vernaculares em uma base gramatical latina.

A obra de Despauterius não era, propriamente, uma obra do humanismo renascentista português, sendo derivada de uma tradição iniciada no contexto dos círculos intelectuais de Erasmo de Roterdã e do *col-*

legium trilingue de Lovaina. Posteriormente, a obra do humanista flamengo tornou-se disseminada no contexto da educação humanística francesa, graças aos esforços do humanista português André de Gouveia, que foi diretor do *Collège de Guyenne* (SANTOS, 2021). O humanista francês Élie Vinet (1509–1587), que atuou no colégio sob a direção de Gouveia publicou em 1583 o programa de estudos do colégio, intitulado *Schola Aquitanica*, no documento todo ensino da disciplina de gramática era pautado nas obras de Despauterius.

O humanista André de Gouveia foi o fundador do Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, trazendo os mestres bordaleses, vindos de Guiena, para Portugal, no mesmo ano em que Anchieta chegou à instituição (MIRANDA, 2011). Entre os humanistas que atuariam como preceptores, estava Diogo de Teive, um dos principais mestres de Anchieta, que, muito provavelmente, se valeu da obra de Despauterius no ensino do jovem vindo das Canárias, que se tornaria missionário após o ingresso na ordem jesuítica. Não sabemos ao certo quais materiais didáticos influenciaram na obra de Anchieta, mas o clima intelectual de sua época denota uma possível influência de autores como Despauterius, Clenardus e os gramáticos portugueses quinhentistas.

Figura 1: Frontispício da gramática (DESPAUTERIUS, 1537).



2. O conceito de gramática nos *Rudimenta grammatices*

O conceito de gramática no humanismo renascentista é derivado da tradição clássica greco-latina, logo a gramática não é definida por Despauterius de uma forma geral, mas especificada em suas partes. O humanista categoriza a gramática em quatro partes: *litera* (letra), *syllaba* (sílabas), *dictio* (palavra) e *oratio* (oração). São partes com elementos numeráveis e vinculadas à técnica da escrita. A herança de autores latinos como Priscianus, Donatus entre outros é patente, porém, os gramáticos renascentistas não tinham por método citar as fontes de suas obras.

Note-se que as quatro divisões da gramática eram fundamentais para que a disciplina se constituísse, um sistema gráfico só de letras não constituiria a gramática, assim como um sistema meramente silábico, ou mesmo um sistema de escrita de palavras. Era necessário que o nível da oração fosse atingido, para que se constituísse a disciplina de gramática, para os humanistas. Após categorizar a gramática em suas quatro partes, Despauterius inicia por conceituar e exemplificar cada uma das partes, notando-se que os *Rudimenta grammatices* trata exclusivamente da descrição da língua latina, para uso escolar: “*Partes grammaticae quot sunt? Quatuor. Quae? Litera, ut /a/, Syllaba, ut /pa/. Dictio, ut /pater/. Oratio, ut /pater noster?*” (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3) (Quantas são as partes da gramática? Quatro. Quais? Letra, como *a*, sílaba, como *pa*, dição, *i.e.*, palavra, como *pater* (pai), oração, como *pater noster*, pai nosso).

O objetivo da definição era ser o mais simples e curta o possível, a fim de facilitar a memorização. A estrutura dialética, de perguntas e respostas, favoreceria a didática humanística, em que o preceptor, o *magister*, perguntava e o *discipulus* deveria repetir a resposta memorizada. Devemos lembrar que essa definição está em uma obra de rudimentos, isto é, uma obra com finalidade pedagógica de uso com classes iniciais, após a alfabetização, conforme o *Schola Aquitanica*. Nesse sentido, a estrutura de perguntas e respostas denota a dinâmica de ensino do conteúdo gramatical por memorização.

Os exemplos tirados remetem-se à oração cristã *Pater Noster*, um dos primeiros textos a serem estudados na educação humanística renascentista, que tinha base cultural e tradicional cristã, no contexto quinhentista. A vogal *a* é o exemplo de letra, a sílaba *pa*, o exemplo de sílaba, o exemplo de palavra separada é *pater*, e o exemplo de oração é *pater noster*. A letra e a sílaba possuem valor universal, enquanto a palavra e a oração já se remetem à língua latina. O humanista ao apresentar as divisões da gramática e os exemplos busca fazer com que os discentes tirem

suas próprias conclusões, por analogia. Na sequência, como reforço, define cada uma das quatro partes da gramática. A primeira definição é a de *litera* (letra):

*Quid est litera? Minima pars vocis compositae, quae scribi potest indiu-
dua. Quot sunt literae? Vigintiduae. Quae? A, b, c, d, e, f, g, i, k, l, m, n, o
p, q, r, s, t, v, x, y, z. Quare omittis h? Quia litera non est, sed aspirationis
nota. Quare omittis &, /' (-us) &c. Quia literae non sunt, sed syllabarum
compendia, siue abbreviaciones.* (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3)

(O que é letra? É a parte mínima da voz composta, que pode ser escrita individualmente. Quantas são as letras? Vinte e duas. Quais? A, b, c, d, e, f, g, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, x, y, z. Por que causa omite o h? É porque não é uma letra, mas uma nota de aspiração. Por que causa omite o &, o sinal /', equivalente a -us, entre outros? É porque não são letras, mas compêndios de sílabas, ou abreviações.)

A definição de letra é retirada de Priscianus e Donatus, sendo considerada a letra como a parte mínima da voz composta, que pode ser escrita individualmente. Nesse aspecto, a passagem de um som, a voz composta, para um sinal gráfico, compõe o que é chamado de letra. Note-se que o fato de que a letra só pode ser contabilizada, numerada, se puder ser escrita individualmente. Na sequência, o humanista apresenta o alfabeto latino, omitindo o h, tratado como sinal de aspiração e não como uma letra que represente uma das partes mínimas da voz composta. Nesse aspecto, Despauterius segue a doutrina de Priscianus, novamente. Em seguida, apresenta as abreviações, comuns aos manuscritos da época, que não se constituem como letras. Pode-se interpretar que noção de voz composta se opõe à noção de uma voz não composta, isto é, que não possui sentido ou significado.

O alfabeto latino é apresentado com vinte e duas letras, tendo em vista o h ser considerado apenas a anotação de uma aspiração. Nesses elementos da gramática não há grande inovação na descrição da língua latina pelo gramático, inclusive na sequência de apresentação do alfabeto. Nesse aspecto, a educação humanística buscava transmitir a tradição clássica, com o mínimo de interferências, para a descrição da língua latina. Os *Rudimenta grammatices* apresentam as especificações das letras em vogais e consoantes:

*Quotplex est litera? Duplex. Quomodo? Vocalis et consonans. Quid est
vocalis? Quae plena per se vocem facit. Quot sunt vocales? Quinque.
Quae? A, e, i, o, u; quibus addit y Graeca. Quid est consonans? Litera
quae cum vocali sonat, ut b cum e. Quot sunt consonantes? Sexdecim.
Quae? B, c, d, f, g, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z.* (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3)

(Há quantos tipos de letra? Dois tipos. De que modo? Vogal e consoante. O que é vogal? Aquela que faz a voz plena por si. Quantas são as vogais? Cinco. Quais? A, e, i, o, u; às quais se adiciona o y grego. O que é consoante? Uma letra que ressoa com vogal, como b com e, be. Quantas são as consoantes? Dezesseis. Quais? B, c, d, f, g, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z.)

O conceito de vogal está relacionado ao conceito de *vox plena*, logo a letra vogal é aquela que produz uma voz cheia por si, isto é, pode ser contínua na sua pronúncia, por uma vocalização. Despauterius define de uma maneira simples, para que seja memorizado o conceito, e, posteriormente, exemplifica as cinco vogais da língua latina: a, e, i, o, u, às quais acrescenta o y grego. Para definir consoante, vale-se da mesma técnica, interpretando o adjetivo *consonans* pela oração *cum vocali sonat*, o que favorece à memorização do conceito. Note-se que ao apresentar o nome da letra consoante, o humanista apoia o som consonantal à letra e, sendo este o nome da letra, como bê, no exemplo. Nesse aspecto, segue a doutrina de Varrão, o primeiro a nomear as letras consoantes pelo seu som apoiado na vogal e, pois o alfabeto grego ainda possuía um nome próprio para cada letra do alfabeto.

Na sequência, com a decrição da terceira parte da gramática, o humanista apresenta o conceito grego de sílaba. O conceito de sílaba é fundamental para compreendermos a gramática humanística, derivada da base gramatical greco-latina, sendo o sistema silábico uma das maiores inovações em relação aos sistemas de escrita anteriores, como o sistema de hieróglifos, inicialmente ideogramático, a escrita consonântica semítica e a escrita silabária da Mesopotâmia (CAGLIARI, 2009). O sistema da escrita silábica grega permitiu uma simplificação do sistema gráfico de notações e a posterior organização da escrita, pelo par de oposições de letras vogais e consonânticas, e uma quantidade maior de possibilidades combinatórias com elementos mínimos.

Nas *Categorias*, Aristóteles define a sílaba como uma unidade numericamente contável na fala, e no pensamento (ARISTÓTELES, 2010). Nesse sentido, os poetas, ao contabilizar a métrica, ritmar a sua fala, contribuíram para a organização do sistema silábico da língua grega, um tema que foi explorado em pormenores por gramáticos da Antiguidade clássica, e uma das bases da arte poética grega. O próprio conceito de *métron*, medida, aponta para um elemento geométrico, que passa a se tornar um aspecto linguístico, na enumeração dos sons da fala.

Os romanos traduziram o conceito grego de sílaba por *comprehensio litterarum*. A transcrição silábica é o processo pelo qual a língua grega começou a ser transposta para a escrita, sendo a segunda unidade

da gramática, após a letra. Despauterius, apoiando-se em Priscianus e Donatus, busca simplificar o conceito de sílaba, para facilitar a sua memorização, enquanto elemento da gramática:

Quid est syllaba? Literarum comprehensio sub uno spiritu, & aliquando una litera, ut a-ve. Quid est diphthongus? Duarum vocalium in eadem syllaba vim suam retinentium complexio. Quot sunt diphthongi? Quatuor. Quae? Ae, oe, au, eu & in paucis ei, ut: Aeneas, coena, audio, euge, hei. Pro ae et oe, profertur nunc e. (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3)

(O que é sílaba? É a compressão de letras sob uma só expiração, e algumas vezes com uma só letra, como *a-ve* (forma de saudação). O que é ditongo? É a compressão de duas vogais que retêm a sua força na mesma sílaba. Quantos são os ditongos? Quatro. Quais? Ae, oe, au, eu e, em poucos casos, ei, como Eneias, ceia, ouço, oba, ei. Por ae e oe, pronuncia-se agora e.)

A sílaba é definida como a compressão de letras, faladas em uma só expiração, podendo ser decomposta em letras vogais e consonânticas. Ao definir sílaba, o humanista apresenta um critério de descrição fisiológica, *sub uno spiritu* (sob uma só expiração), que é a unidade mínima da sílaba, que pode ser contada e numerada, como os poetas fizeram em suas composições métricas. O humanista demonstra que as vogais podem compor uma sílaba de uma só letra. Não há nos *Rudimenta grammatices* ainda as concepções de vogal breve e longa, tendo em vista que o texto é introdutório, e o tema da métrica é explicado ao final da obra gramatical, em uma sucessão de temas que envolvem, sobretudo, a construção oracional, a sintaxe.

Assim, como exemplificação do fenômeno da sílaba, o humanista retira outro excerto de uma oração de tradição cristã, demonstrando as sílabas de uma só letra e a de duas letras, no vocábulo *A-ve*, de *Ave Maria*. Podemos notar que na obra, todas as definições, como são elementares, não passam de uma só frase, o que favorece a dinâmica de uso e de memorização. O repertório linguístico do humanista estava vinculado aos gramáticos latinos, sua técnica didática, porém, ainda se vinculava ao sistema dialético, de perguntas e respostas, típico da tarefa catequética, e herdeiro do método especulativo medieval. Nesse sentido, os humanistas não propunham uma total descontinuidade com os modistas, apenas uma simplificação das definições empregadas, sobretudo das obras voltadas à educação infantil, como os *Rudimenta grammatices*.

Após a definição de sílaba, com exemplificação, Despauterius especifica os ditongos, padrão silábico grego, anotado pelos gramáticos, a partir da métrica dos poetas. O humanista especifica quais são os quatro tipos de ditongos da gramática latina, apontando os tipos mais raros que

deveriam ser memorizados. Ao final, apresenta uma nota sobre a pronúncia reduzida dos ditongos, demonstrando que a pronúncia quinhentista ainda seguia a tradição itálica na pronúncia romana.

A terceira parte da gramática é a *dictio*, dicção ou palavra. A categoria de *dictio* é relevante na gramática humanística, pois a separação de palavras já estava consolidada, desde a divisão dos textos em partes da oração (*partes orationis*). Os poetas clássicos, a partir da divisão métrica, enumeravam seus textos em sílabas, contabilizando os versos por uma sistematização dos sons, representados na unidade da sílaba. Já as *dictiones*, as palavras, só poderiam ser divididas se categorizadas como partes da oração, que é o principal aspecto para a análise das formas de palavras na descrição da língua latina, o que os humanistas herdaram da descrição linguística dos gramáticos antigos.

Nos *Rudimenta grammatices*, Despauterius analisou cada uma das oito partes da oração de que a língua latina se compunha: *nomen, pronomen, verbum, adverbium, participium, coniunctio, praepositio, interiectio*. Nessa parte inicial, porém, apenas apresenta a noção geral de *dictio*. Uma palavra só poderia ser separada na oração, no *lógos*, se estivesse em uma das categorias das partes da oração. Essa inovação da escrita, de separação de palavras na oração, tem uma longa continuidade no tempo, e é um dos grandes avanços da gramatização de base lógica aristotélica. Assim, o humanista define *dictio*: “*Quid est dictio? Minima pars orationis aliquid significans, ut: Homo*” (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3) (O que é dicção? É a parte mínima da oração que significa algo, como homem).

Na definição de *dictio*, é apresentado o primeiro tema relativo à construção do significado, uma palavra é a parte mínima da oração, do *lógos*, que significa algo, como a palavra homem. O verbo significar nos leva ao campo semântico do signo, do *signum*, tradução latina do *symbolon* aristotélico. Nesse aspecto, a palavra, a *dictio*, é o signo linguístico, por excelência, que porta em si um significado. Despauterius não ingressa na teoria dos modos de significar dos modistas, reduzindo a uma fórmula de simples memorização o que é uma *dictio*, uma palavra que significa algo, um *signum*. A escolha do vocábulo *homo*, após uma série de exemplos tirados de orações de tradição cristã, o *Pater Noster* e a *Ave, Maria* parece motivado, indiretamente, no sentido humanístico de conferir ao homem um lugar de relevo, enquanto signo. A educação humanística possuía, além de cunho linguístico, uma vinculação filosófica e teológica nas suas bases de organização, inspirando-se muitas vezes na lógica aristotélica.

Por fim, na quarta parte da gramática, o humanista define o que é *oratio* (oração), uma tradução do que Aristóteles compreendia por *lógos*, nas obras *Categoriae* e *De Interpretatione*. Sua definição para oração é: “*Quid est oratio? Dictionum congrua ordinatio, ut Homo albus*” (DESPAUTERIUS, 1537, p. 3) (É uma ordenação congruente de dições, como homem alvo). No sistema de perguntas e respostas sintéticas, o humanista apresenta o conceito de *ordinatio congrua*, uma ordenação congruente de palavras, para a definição do que é *oratio*. Nesse sentido, a definição, de nítida inspiração aristotélica, está no mesmo campo da sintaxe e das construções oracionais que formam significado.

Como exemplo, Despauterius apresenta *homo albus*, homem alvo, exemplo retirado da lógica aristotélica, e adaptado ao latim. A concordância entre um substantivo latino com um adjetivo forma uma construção sintática, chamada de oracional para o humanista do século XVI. Note-se que não é necessário um verbo para formar a oração, na concepção de Despauterius, sendo a oração a construção com mais de um termo em concordância, na sintaxe nominal, por exemplo.

3. Conclusão

Didaticamente, para o humanista do Renascimento, a disciplina de gramática consistia no manejo das quatro partes da técnica da escrita. O conhecimento das letras, enquanto sinais gráficos, pela alfabetização, a construção e contagem de sílabas, para a transcrição de palavras, o conhecimento do significado individual das palavras e, por fim, a concordância, para a construção oracional. As quatro partes da gramática seriam quatro etapas do aprendizado da leitura e da escrita, que iam da letra até o nível oracional.

Se pensarmos que os humanistas concebiam a educação humanística desde as primeiras letras, até a formação básica em humanidades, a sua teoria gramatical buscava ser simplificada, para o uso por preceptores em classes de discentes desde a infância. As definições nos *Rudimenta grammatices* eram muito simples, sendo simplificadas, propositadamente, para facilitar a repetição e a memorização. Os conceitos não eram analisados e debatidos nessa etapa do ensino, que era o primeiro contato com a disciplina de gramática, após o aprendizado do alfabeto e das primeiras tabelas de declinação nominais e verbais.

Assim, quando a criança estava familiarizada com os conceitos, progressivamente, poderia seguir para a leitura dos próprios gramáticos

latinos, ou para a aplicação dos conceitos na interpretação dos textos dos autores clássicos. O conteúdo sequencial, após a definição de gramática nos *Rudimenta grammatices*, eram as oito partes da oração, que são definidas uma a uma. A análise linguística inicial consistia na separação de sílabas, nos ditados para aprendizado da grafia das palavras, e na identificação das partes da oração em textos simples.

Conforme o *Schola Aquitanica*, os primeiros textos analisados eram os *Disticha Catonis* (Dísticos de Catão) e os *Dicta septem Sapientium* (Ditos dos sete sábios gregos), conjuntos didáticos de sentenças gnômicas, com fundo filosófico e moral, no modelo de educação erasmiano (SANTOS, 2021). A estes textos era aplicada a divisão em partes da oração, seus termos eram memorizados e flexionados para a fixação das formas nominais e verbais, em conjunto com a leitura dos *Rudimenta grammatices*. Quando esta sequência era concluída, o estudo das epístolas de Cícero se iniciava, com um aprofundamento do estudo das construções da oração latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *A história do alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. Tradução Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

DESPAUTERIUS, Johannes. *Commentarii Grammatici*. Paris: Ex Officina Roberti Stephani, 1537.

KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 197-217, 2019a.

_____. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019b.

_____; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v. 57, p. 9-35, Rio de Janeiro, 2019.

_____. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n. 1, p. 1-15, 2020a.

_____. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

_____. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta-SJ (1534–1597). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, Framingham, n. 20, p. 37-44, 2020e.

_____; SANTOS, Melyssa C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 76, v. 2, p. 750-59, 2020.

MIRANDA, Margarida. As artes do Real Colégio das Artes. Entre sua matriz e outra. *Biblos*, Coimbra, n. 9, 11-31, 2011.

SANTOS, Melyssa C. S. dos. *Schola Aquitanica (1583): edição bilingue com comentários à luz da Historiografia Linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. 107f.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-45, p. 39-59, Rio de Janeiro, 2013.